

Entre a onça pintada e a sucuri, o carnaval e o futebol: nacionalidade, travestilidade e reconhecimento na fronteira Brasil-Bolívia¹

Tiago Duque (UFMS)²

Palavras Chaves: prótese, performance, travesti

Introdução

O objetivo deste artigo é discutir parte dos resultados de uma pesquisa sobre normas e convenções de gênero e sexualidade na fronteira Brasil-Bolívia, iniciada em 2014. O contexto sociocultural das experiências aqui analisadas é o da cidade de Corumbá, tida como a Capital do Pantanal. Ela possui uma estimativa de 108.656 habitantes, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2015)³, e está na região de outras três cidades, sendo Ladário a brasileira e as de Puerto Quijaro e Puerto Soárez as bolivianas.

A partir dos dados de campo, interesse-me pelas experiências de “efeminados/as”, isto é, as de gays e travestis, considerando que, nesta região, esta categoria abarca tanto um como o outro grupo identitário. Ela aparece quando é atribuída ou adotada por homens gays efeminados que buscam ou mantêm relacionamento afetivo-sexual com outros homens, ou por travestis que foram assignadas como homens ao nascer, mas que, ao longo de sua vida, têm se identificado com o gênero feminino. Seja um ou outro, os usos são dinâmicos e carregam em si certa fluidez em termos de valorização, sendo mantidos em alguns contextos de desprestígio social e em outros de valorização dos sujeitos. São usos, portanto, que constituem regimes de visibilidade.

Entendo regime de visibilidade nos termos de Richard Miskolci, isto é, como aquilo que “traduz uma relação de poder sofisticada, pois não se baseia em proibições

¹ Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

² Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação do Campus do Pantanal (CPAN) e do Programa de Antropologia Social da Faculdade de Ciências Humanas (FACH) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Coordenador do Impróprias - Grupo de Pesquisa em Gênero, Sexualidade e Diferenças.

³ Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=500320&idtema=130&search=mato-grosso-do-sul|corumba|estimativa-da-populacao-2015->>>. Acessado em: 05 nov. 2018.

diretas, antes em formas indiretas, mas altamente eficientes, de gestão do que é visível e aceitável na vida cotidiana” (2014, p.62). Essas relações de poder, em termos identitários, alocam, por vezes, como será discutido, o “outro lado” da fronteira como sendo depreciativo. Assim, no que se refere a esses regimes e as/os efeminadas/os, como aponta Guilherme Passamani (2015), é preciso reconhecer também que a noção de regime de visibilidade implica compreender que existe uma série de códigos e valores que se impõem como uma espécie de gramática às pessoas envolvidas, nas maneiras como elas podem parecer visíveis em relação à orientação sexual e à identidade de gênero. Dito de outro modo, “relacionar-se com estes regimes de visibilidade exige a utilização de uma série de estratégias de gestão desta visibilidade” (idem, p. 26).

A gestão desta visibilidade em termos de gênero e sexualidade não deixa passar incólume os códigos e valores da realidade pantaneira. Em especial, conforme discutirei, parte da fauna hipervalorizada da região. Isso será analisado a partir de uma das interlocutoras do trabalho de campo, a travesti Vânia⁴, de aproximadamente quarenta anos, negra, mas não retinta, moradora de uma região nem muito e nem pouco valorizada da cidade, que é uma pessoa bastante conhecida no contexto etnográfico. O meu primeiro contato com Vânia se deu da seguinte forma:

Cheguei ao salão de beleza e uma efeminada havia chegado na minha frente. Ela já tinha chamado a proprietária que morava no mesmo endereço e me pediu pra aguardar. Os cães latiam muito, estranhando a minha chegada junto ao portão. Ela também demonstrava estranhar a minha presença ali. O estranhamento também foi visível da profissional de beleza que abriu a porta com cara de quem acabara de acordar. Era uma segunda-feira, aproximadamente onze horas da manhã. As duas me convidaram pra entrar e, meio sem jeito, disseram que eu poderia ficar à vontade. Eu disse que queria cortar o cabelo. A proprietária me perguntou quem havia feito a indicação. Eu, percebendo a falta de naturalidade das duas em me receber, disse que era gay e tinha acabado de chegar na cidade, que tinha muitas amigas travestis onde eu morava; e que perguntei para as pessoas da cidade: “*Onde tem uma cabeleireira travesti pra cortar o meu cabelo?*”. Elas, automaticamente, ficaram mais à vontade e me pediram para sentar na cadeira, e esperar o café. Enquanto o café estava sendo preparado pela proprietária a outra passava a vassoura no chão e limpava as fezes dos dois cachorros que a essa altura já me lambiam as pernas. A que limpava contava sobre uma recente decepção amorosa. Assim que o café ficou pronto, o serviu. Depois, Vânia colocou uma capa de estampa de onça sobre os meus ombros que caiu até os meus joelhos dobrados, dizendo-me: “Agora a senhora virou uma oncinha, chique né?”. Rimos alto. A que limpava o chão bebeu o café e se despediu dela e de mim com beijinhos no rosto. Enquanto a outra arrumava o pente da maquininha de cortar cabelos, lhe perguntei sobre Corumbá, e o quanto a cidade poderia ser

⁴ Nome fictício.

perigosa para uma bicha que acabara de chegar. Ela parou, me olhou pelo espelho e disse: “-Aqui você não vai ter problema nenhum. Aqui é o Rio de Janeiro, querida”. (Anotações do caderno de campo, final de abril de 2014)

De tudo o que há de bom para se pensar no relato apresentado anteriormente, destaco o fato deste pesquisador “ter virado uma oncinha” na cadeira do salão de beleza de Vânia, e a sua orientação de que Corumbá é o Rio de Janeiro.

É recorrente o entendimento de que, em termos de diferenças, inclusive de gênero e sexualidade, em Corumbá “é tudo junto e misturado”, inclusive entre os/as próprios/as efeminados/as. Quando se questiona sobre os atos de discriminação e violência contra essas pessoas, esse entendimento da “mistura” de diferentes pessoas aparece como a prova da não existência de violência/preconceito na cidade. Isso seria algo valorativo, associado ao Rio de Janeiro.

A ideia de que no Rio de Janeiro as/os “efeminadas/os” não têm problema com a violência por preconceito de gênero e sexualidade me pareceu bastante interessante, ainda mais com a comparação em relação a Corumbá. Primeiro porque, do ponto de vista dos dados de violência carioca⁵, essa não é a realidade, e, depois, porque essa relação está para além das questões de gênero e sexualidade, afinal, em campo, ouvia sempre esta constatação a partir de outras características sempre positivas: estátua do Cristo no alto do morro⁶, carnaval⁷, sotaque⁸, funk⁹, calor¹⁰, marinheiras/os¹¹, moradoras/es cariocas¹², samba, natureza exuberante, turistas, cerveja, torcedoras/es de times cariocas de futebol,

⁵ Segundo os dados do Grupo Gay da Bahia, no Estado do Rio de Janeiro foram assassinados 30 pessoas LGBT em 2016, destas, 8 foram na capital. Dados disponíveis em: <<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2017/01/relate3b3rio-2016-ps.pdf>>. Acessado em: 05 nov. de 2018.

⁶ Um dos pontos turísticos da cidade de Corumbá é o “Mirante Cristo do Pantanal”, no morro do Cruzeiro, onde se encontra uma estátua do “Cristo Rei do Pantanal”, com 12m de altura.

⁷ O carnaval na cidade é bastante conhecido no estado, conta com 10 escolas de samba, algumas “filiadas” de escolas de samba cariocas.

⁸ O “sotaque corumbaense” chama atenção por ser diferente das demais regiões do estado, assemelhando muito com o das/os cariocas e das/os portuguesas. Maiores informações podem ser acessadas em reportagem jornalística disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zkgbYStoXhs>>. Acessado em 05 nov. 2018.

⁹ Durante o trabalho de campo o funk apareceu durante o pré-carnaval, o carnaval e algumas festas organizadas por grupo de moradores ou por empresários da cidade.

¹⁰ O calor da cidade a coloca com uma das mais quentes do país em diferentes noticiários nacionais. Em especial, durante o verão de 2015, noticiou-se que duas pessoas teriam morrido devido ao clima. Informações disponíveis em: <<http://www.midiamax.com.br/noticias/933301-calor-teria-provocado-a-morte-de-duas-pessoas-em-corumba.html>>. Acessado em: 05 nov. 2018.

¹¹ A marinha tem sede na cidade vizinha, Ladário, mas a circulação de marinheiro pela cidade é intensa.

¹² Devido à presença da marinha na região, muitos militares são do Rio de Janeiro.

aeroporto, construções históricas, hábito de usar roupas informais (curtas, leves, assim como chinelos e sandálias) para ir a bancos, lojas e supermercados, etc.

Em relação à referida “mistura” entre efeminados/as e as demais pessoas da cidade, segundo os/as próprios/as interlocutores/as, ela se dá devido ao fato de os/as efeminados/as estarem envolvidos/as em diferentes eventos, que atraem o público local e os turistas, inclusive os/as bolivianos/as. Eventos esses que, em parte, são também identificados como existindo no Rio de Janeiro: os desfiles cívico-militares em comemoração à independência do Brasil e ao aniversário da cidade, além dos desfiles das escolas de samba durante o carnaval. Eles/as também estão envolvidos/as no concurso de quadrilhas durante a festa do Banho de São João e nas apresentações no Concurso de Bandas/Fanfarras das escolas. Mas, também há aqueles dirigidos especificamente à temática gay, como o Miss Gay, o Musa Gay do Carnaval e o Amistoso da Diversidade. Há, portanto, um regime de visibilidade que envolve efeminados/as e as demais pessoas entendidas como diferentes que compõem a identificação da cidade como sendo “tudo misturado/sem preconceito”.

Através de etnografia (online e off-line), envolvendo entrevistas semi-estruturadas, analisei o envolvimento e a participação dos/as efeminados/as nessas festividades, desde o planejamento à execução. No entanto, aqui, discutirei apenas parte da experiência correspondente ao Carnaval e ao Amistoso da Diversidade, via a participação de Vânia nesses eventos.

Para analisar essas experiências, constitutivas desse regime, eu, como pesquisador, precisei “virar oncinha” nas mãos de Vânia. Essa experiência humano-animal tem sido significativa do ponto de vista das análises que tenho feito em relação ao contexto pantaneiro-fronteiriço Brasil-Bolívia, afinal, tira-me de um lugar supostamente confortável, de quem vai lá pesquisar, para alguém que lá é transformado em animal no primeiro contato com a interlocutora. Dito de outra forma, minhas preocupações teórico-analíticas tem sido no sentido do que tem provocado os saberes subalternos, isto é, segundo Larissa Pelúcio, “participar do esforço para promover uma outra gramática, outra epistemologia, outras referências que não aquelas que aprendemos a ver como ‘verdadeiras’, e, até mesmo, as únicas dignas a serem aprendidas e respeitadas” (2012, p. 399).

Nesse sentido, conforme apontou Pedro Paulo Gomes Pereira em relação as travestis de Santa Maria, não há como “simplesmente aplicar teorias alhures formuladas porque as formas de subjetivação aqui são outras” (2012, p. 389). Tem sido um exercício

constante esse de “virar oncinha”, isto é, me ver sob os olhos de Vânia, e de outros/as interlocutores/as fronteiriços que têm me colocado em um lugar de busca de novas formas de analisar as experiências vividas em campo, por eles/as e, conseqüentemente, por mim. Afinal, “Descontextualizar esses corpos e almas seria proceder um tipo de violência epistemológica que atua retirando aquilo que é mais caro para os sujeitos envolvidos, desprezando suas invenções e formas de agir” (Idem, 2012, p. 389).

A onça e a sucuri no Pantanal

A onça e a sucuri são animais presentes na cultura pantaneira. Eles estão marcados por uma historicidade que vai desde os primeiros habitantes indígenas que caçavam os animais silvestres por uma questão de subsistência, passando pelos 200 últimos anos em que os fazendeiros da região os abatiam para proteger o gado, até o momento mais contemporâneo e emergente da espetacularização da natureza, onde eles são transformados em objetos de desejo, em especial, a onça pintada (RIBEIRO, 2015).

Ela, a onça,

é o maior felino do continente americano, e um animal de corpo robusto, dotado de grande força muscular, sendo a potência de sua mordida considerada a maior dentre os felinos de todo o mundo. Outra característica marcante dessa espécie é que ela não mia como a maioria dos felinos. Assim como o Leão, o Tigre e o Leopardo, ela emite uma série de roncões muito fortes que são chamados de esturro, que podem ser ouvidos por quilômetros¹³.

Mara Aline Ribeiro (2015) explica que basta navegar pelos sites das pousadas pantaneiras que se percebe essa espetacularização dos animais, em especial, da onça pintada. Em seu estudo sobre as gentes pantaneiras e a produção de geografias no Pantanal, conta como um dos monitores ambientais cria expectativa nos turistas dizendo: “ontem a pintada passou” ou “Hoje bem cedinho, antes de vocês acordarem, ela tava tomando água bem ali”. Além disso, segundo a autora, eles constroem fatos para garantir a satisfação do cliente. Por exemplo, relatam que um peão pega garrafas de refrigerante e, todos os dias, faz pegada de onça com o fundo da garrafa. Segundo o monitor conta, “Ele mente sério, não dá uma risada”.

¹³ Informação disponível em: <<http://procarnivoros.org.br/index.php/animais/onca-pintada-panthera-onca/>>. Acessado em: 05 nov. 2018.

Após ter sido transformado em “oncinha” por Vânia, fiquei mais atento a presença desse animal na cidade pantaneira. Em uma ocasião, quando saía de casa, fui alertado da presença de onça na região da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, onde eu deveria estar em poucos minutos. A cidade, no período da cheia do Rio Paraguai convive com a presença desse animal de forma mais intensa. As manchetes dos jornais anunciam: “Trabalho de monitoramento e captura de onça entra no 11º dia”¹⁴, “Onça-pintada morre atropelada na BR-262, perto da ponte sobre o Rio Paraguai”¹⁵, “Novos relatos apontam presença de onça-pintada na estrada que liga Corumbá a Ladário”¹⁶, “Onça encontrada em bairro de Corumbá, MS, sai da toca e some”¹⁷, entre outras.

O avistamento de serpentes também é recorrente, em especial a sucuri. As notícias em relação a esse animal sempre trazem desejo, curiosidade e temor, conforme as referentes à onça. Algumas manchetes anunciam: “Bombeiros registram recorde de invasão de cobras em cidade do interior de MS”¹⁸, “Sucuri 'para o trânsito' em avenida de Corumbá e é capturada pelo Corpo de Bombeiros”¹⁹, “Sucuri de 3 metros é vista 'passeando' pelo Porto Geral de Corumbá”²⁰, entre outras.

Ela, a sucuri,

[...] do pescoço até o rabo tem desenhos parecidos com a letra O. Na cara ela tem dois riscos, um de cada lado. [...]. As Sucuris não são peçonhentas, ou seja, elas não matam usando veneno. Para caçar, elas esperam nas margens dos rios e quando a caça se aproxima para beber água, elas atacam no pescoço. Depois abraçam a presa e apertam, matando por constrição ou afogada dentro do rio²¹.

Aqui, diferentemente da ideia de “essência do selvagem”, por sua representação de “pura” e “extrema” selvageria (BANDUCCI JÚNIOR, 2007), compreendo a onça,

¹⁴ Notícia disponível em: <<https://diarionline.com.br/?s=noticia&id=70632>>. Acessado em: 05 nov. 2018.

¹⁵ <https://www.campograndenews.com.br/reporter-news/onca-pintada-morre-atropelada-na-br-262-perto-da-ponte-sobre-o-rio-paraguai>>. Acessado em: 05 nov. 2018.

¹⁶ Notícia disponível em: <<https://diarionline.com.br/?s=noticia&id=95669>>. Acessado em: 05 nov. 2018.

¹⁷ Notícia disponível em: <<http://g1.globo.com/mato-grosso-do-sul/noticia/2014/08/onca-pintada-que-apareceu-em-bairro-de-ms-sai-da-toca.html>>. Acessado em: 05 nov. 2018.

¹⁸ Notícia disponível em: <<https://www.midiamax.com.br/cotidiano/2018/video-caninana-tenta-entrar-em-casa-de-morador-no-interior-de-ms/>>. Acessado em: 05 nov. 2018.

¹⁹ Notícia disponível em: <<https://g1.globo.com/mato-grosso-do-sul/corumba-e-regiao/noticia/sucuri-para-o-transito-em-avenida-de-corumba-e-e-capturada-pelo-corpo-de-bombeiros.ghtml>>. Acessado em: 05 nov. 2018.

²⁰ Notícia disponível em: <<https://diarionline.com.br/?s=noticia&id=93115>>. Acessado em: 05 nov. 2018.

²¹ Informações disponíveis em: <https://pt.wikibooks.org/wiki/Bichos_da_mata/Sucuri>. Acessado em: 05 nov. 2018.

assim como a sucuri, como performáticas e protéticas. Essa ideia, a partir da etnografia realizada, discutirei mais à frente. Antes, contudo, aponto para a necessidade e compreensão dos animais não como passivos, como um dado da “natureza” pantaneira, antes, como múltiplos, híbridos, ativos, conforme a reflexão de Felipe Sússekind (2010) sobre o gado no Pantanal. No caso da onça, ela vive rondando a cidade, sendo procurada pelos turistas, fugindo da captura, causando acidente quando é atropelada na estrada. A sucuri, por sua vez, “passeia” pelo porto, “para o trânsito”, aparece na área urbana cada vez em maior número. Os animais interagem, têm vida, constituem, nesses termos, relações com a cidade e as pessoas, não apenas com a “natureza” do Pantanal.

Para além das experiências desses dois animais noticiadas nos jornais, o marco da espetacularização da onça e da sucuri se deu, sem dúvida, com a novela “Pantanal”, lançada em 1990, na então Rede Manchete. Ela contava a saga da mulher que se transformava em onça pintada, Juma Marruá, interpretada por Cristiana Oliveira²². Essa transformação ocorria todas as noites, na abertura dos capítulos, interpretada por Nani Venâncio, que aparecia nua mergulhando em um rio. A onça se encontrava, em dado momento da abertura, com uma enorme sucuri²³.

Pantanal foi um marco da TV brasileira. Pela primeira vez, uma novela era praticamente toda gravada em externas, fazendo de sua paisagem um personagem importante da história. Mérito não apenas do autor, Benedito Ruy Barbosa, um perito em tramas rurais, como também do diretor Jayme Monjardim, que conseguia extrair poesia das belas imagens mostradas. Além disso, a trama apostava fundo na sensualidade, com muitos corpos despidos em banhos de rio. O pioneirismo agradou o público, e Pantanal alcançou índices de audiência inimagináveis para a Manchete, batendo nos 40 pontos no Ibope. Exibida às 21h30, a novela chegava a bater a Globo, que se viu obrigada a cancelar sua linha de shows e lançar uma nova novela para enfrentar a concorrente. Assim, programas como TV Pirata saíram do ar, e entrou em cena a novela Araponga, de Dias Gomes. Não deu certo²⁴.

A onça não era o único animal associado a personagens humanas na novela. A sucuri também se misturava a identidade do “Velho do rio”, personagem misterioso

²² Essa e outras informações estão disponíveis em: <<https://observatoriodatelevisao.bol.uol.com.br/historia-da-tv/2018/03/o-grande-sucesso-pantanal-estreava-ha-28-anos>>. Acessado em: 05 nov. 2018.

²³ Abertura da novela disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hfth1z2rHB8>>. Acessado em: 05 nov. 2018.

²⁴ Disponível em: <<https://observatoriodatelevisao.bol.uol.com.br/historia-da-tv/2018/03/o-grande-sucesso-pantanal-estreava-ha-28-anos>>. Acessado em: 05 nov. 2018.

interpretado pelo já falecido ator Cláudio Marzo. Fora do foco das câmeras de TV, a sucuri se chamava Rafaela, pertencia ao Instituto Vital Brazil, e também já morreu. Ela media 5,5 metros e pesava 90 quilos. Segundo o que noticiaram, “brilhou na telinha da TV Globo”, na minissérie *Mad Maria*, e “participou” também dos programas *Caldeirão do Huck* e *Balanço Geral*, no qual fez sua última aparição na TV no dia 11 de maio de 2012. Mas, mesmo com todas essas aparições,

Rafaela teve o auge da fama quando, em 2002, revolucionou as leis da Biologia por ter dado a luz sem ter cruzado. Até hoje não se achou nenhuma explicação para o caso. Outra época em que teve seu nome na mídia foi quando, para se esquentar, acabou matando a colega de jaula durante a madrugada, ao "abraçá-la" fortemente²⁵.

Assim, com aparições na TV, e comportamentos tão diversificados, Rafaela e a onça pintada não podem ser entendidas como passivas e não ativas nas suas relações entre si, com as pessoas, fora e dentro da novela. Isso parece-me fundamental para compreender proteticamente e performaticamente as experiências da travesti Vânia.

A sucuri e o amistoso de futebol

Foi divulgando na cidade, por meio de cartazes impressos e também compartilhados nas redes sociais, o Amistoso da Diversidade do ano de 2014. Um dos efeminados que conheci no Miss Gay Corumbá me ofereceu uma carona até o bairro onde o evento ocorreria.

Chegamos de carro no Centro Comunitário Guató. Era domingo à tarde e fazia calor. Centenas de pessoas já haviam chegado. A entrada custava dois reais, e, assim que pagamos o ingresso, passamos por duas colunas de bexigas coloridas, e uma bandeira gay com mais de dois metros de altura por uns três de comprimento. Um grupo de pagode tocava ao vivo na área coberta, em uma das quadras. Enquanto as pessoas adultas conversavam e bebiam, as crianças brincavam em grandes escorregadores infláveis e camas elásticas, em uma outra quadra, no mesmo espaço coberto. O evento era denominado “10º Amistoso da Diversidade”. O interlocutor que me levou até lá, assim que entrou no centro comunitário foi abraçado longamente por uma mulher e disse: “- *Que bom te encontrar aqui!*”. Ela, rapidamente, respondeu: “- *Claro*

²⁵ Essa e outras informações estão disponíveis em: <<https://extra.globo.com/noticias/rio/morre-sucuri-que-participou-da-novela-395918.html>>. Acessado em: 05 nov. 2018.

né!? Eu disse assim: ‘nunca tem nada nessa cidade, quando tem, a gente tem que ir né!’”. Ele concordou e riu. Em seguida, perguntou sobre uma mulher conhecida deles, e ela contou: “-*Não quis vir. Disse: ‘Eu não vou ver bicha não, só se for ir para dar risada’*. *Aí eu disse: ‘Mas é pra isso mesmo!’*”. Rimos alto os três, eu, ele e a mulher. (Anotações do caderno de Campo, em 20 de julho de 2014).

O espaço comunitário já estava lotado quando o jogo de futebol começou, no campo gramado, no final da tarde, com direito a torcida pelos dois times, os de moradores/as de Ladário contra os/as de Corumbá. O evento durou até o anoitecer. Cada vez mais o público se envolvia com a partida, sempre muito animado. Muitos/as levaram cadeiras de casa, alguns homens ficaram sentados em suas bicicletas, outros se espremiavam junto ao alambrado que cercava o campo de futebol para não perder nenhum lance. Havia também muitas mães com crianças, algumas maiores, outras em seus carrinhos de bebês. O riso era característica marcante na plateia. Se os/as jogadores/as efeminados/as, contrariando a expectativas das pessoas presentes, acertavam o lance, driblando ou roubando a bola do time adversário, o público, surpreso, gritava e ria alto, se elas/eles cometiam erros nos passes ou desrespeitavam alguma regra, o que era esperado por muitos/as não serem habituados/as a jogarem futebol, ocorria o mesmo, o público se divertia muito. Já os/as jogadores/as, pareciam levar a partida a sério.

Logo no início do jogo eu encontrei Vânia com um vestido vermelho e uma cobra sucuri de pelúcia enrolada nos ombros, tirando foto com pessoas conhecidas que se aproximavam rindo, cumprimentando-a. Eram homens e mulheres de diferentes idades. Ela chamava a atenção do público ao caminhar próximo da grade. Cumprimentou-me com um beijo, oferecendo a cabeça da cobra para eu beijar, ao mesmo tempo que me pedia ajuda para tirar mais uma foto dela com as pessoas presentes. Ela usava um vestido vermelho até os joelhos, com decote comum para um dia quente. Após o jogo, já à noite, ela se apresentou em um palco, antes da banda voltar a tocar, rodeada de muita gente, em especial, crianças. A cobra permanecia com ela, mas tinha trocado o vertido por um todo dourado e brilhante. Fazia parte da apresentação manuseá-la, no entanto, na parte final a sucuri ficou jogada no chão. O público ria e aplaudia bastante.

Em campo, o riso voltado aos/às efeminados/as, nos diferentes eventos que pude participar, não tem consenso em relação ao seu significado, se é algo bom ou ruim. Os/as interlocutores/as divergem se é ou não algo respeitável, positivo em relação ao reconhecimento que buscam. Sendo assim, reconheço a ambivalência (os múltiplos sentidos) do riso na contemporaneidade, o que, de certa forma, todos os intelectuais do

século XX que se dedicaram a estudar esse tema fizeram (MINOIS, 2003). Esta ambiguidade está dada pelo contexto cultural em que estas experiências são produzidas, para além da realidade específica da fronteira. Assim, seja em Corumbá ou em outra cidade, para compreendermos e rirmos com uma piada, segundo Sírio Possenti (1998), é preciso conhecer os traços da cultura, assim como para entender histórias infantis, mitos locais, receitas culinárias, aspectos da legislação, regras políticas, ou o que gritam os torcedores de times de futebol nas tardes de domingo. Este autor nos oferece uma pista importante para pensarmos os efeitos ambivalentes da travesti com a cobra sucuri. Ele afirma que “o que faz que uma piada seja uma piada não é o seu tema, sua conclusão sobre o tema, mas uma certa maneira de apresentar tal tema ou uma tese sobre tal tema” (Idem: 46).

Evidentemente que, nesse caso, a cobra faz referência a inúmeras interpretações, no entanto, destaco duas: primeiro, ao próprio corpo da travesti, que, mesmo reconhecidamente feminino (próteses de silicone, cabelos longos, vestido, salto alto, performance feminina), sabidamente possuía um pênis, órgão comumente associado, e muitas vezes nomeado como cobra nos contextos nacionais; segundo, ao fato de a performance ser em tom jocoso, provocador diante do que se fazia com a cobra enrolada no corpo, também algo comumente presente em cenas de modelos mulheres em fotografias ou shows eróticos.

Aqui se trata, portanto, de uma travesti performatizando algo caricato. A caricatura em apresentações públicas são comuns em algumas drags.

De forma geral, o que diferencia as drags de outras performances de gênero são aspectos como temporalidade, corporalidade e teatralidade. Temporalidade porque a drag tem um tempo “montada”, outro “desmontada” e, ainda, aquele em que “se monta”. Diferentes das travestis e transexuais as mudanças no corpo são feitas, de modo geral, com truques e maquiagem (VENCATO, 2003, p. 196).

Nesse caso, ainda que não se trate de uma drag, a travesti apresentou-se de forma caricata, e conquistou o reconhecimento do público, desde o momento que chegou no amistoso até os aplausos finais do show. Vânia, como comumente nas apresentações de drags “caricatas”, fugiu ao estereótipo de beleza feminina quando, ainda que feminina, apresentou em público a sua cobra sucuri de pelúcia sem ser como as modelos femininas que comumente seduzem o público dançando ou fotografando-se com uma cobra. Como o perfil de drag citado aqui, ela provocou o interesse em ser fotografada, o riso e o aplauso

do público em uma situação nada “glamourosas”, inclusive pelo contexto do amistoso que já é risível para boa parte dos/as presentes.

A onça e o carnaval

No ano de 2015, durante as apresentações das escolas do grupo especial do “Carnaval da Alegria”²⁶, reencontrei Vânia em uma de suas apresentações. Ela desfilou em uma das escolas e, novamente, recebeu muitos aplausos das pessoas, acompanhados de sorrisos.

Naquela noite, cheguei cedo na “Passarela do Samba”²⁷ para poder sentar na arquibancada de acesso livre, destinada às pessoas e turistas que não compraram convite para o camarote, do outro lado da rua, e em um nível superior ao último degrau da arquibancada onde eu estava. Assim, de onde fiquei, podia ver bem o desfile e as reações tanto da “comunidade” como da “sociedade” corumbaense e dos turistas dos dois lados da rua.

A diferença entre a “comunidade” e a “sociedade” tem relação com classe econômica. Um exemplo é o Amistoso da Diversidade, que é na e para a “comunidade”, isto é, realizado na periferia e com a ajuda de comerciantes de pequenos estabelecimentos e lideranças de bairros periféricos. Outro é o Miss Corumbá Gay, que foi pensando para a “sociedade”, porque contou com apoio e presença de empresárias/os da cidade, inclusive, em 2014, foi realizado no Corumbaense, clube tido historicamente como de elite, chique.

Essa diferença não é explícita, nem anunciada de forma objetiva em campo. Essa diferenciação é dado de pesquisa etnográfica. Seja um ou outro, esses eventos têm forte presença de efeminados/a na criação, organização e execução, mas um público sempre majoritariamente não gay, lésbico ou travesti. Já ouvi em campo que “o evento é feito por gay, mas não para um público gay”.

Vânia, quando apareceu desfilando na passarela, apresentava-se vestida apenas como um macacão estampado como se fosse uma onça. As pintas/marcas e as orelhinhas discretas sobre a cabeça, o rabo de onça da fantasia e o cabelo todo preso em formato de

²⁶ O Carnaval de Corumbá é chamado também de Carnaval da Alegria em peças publicitárias produzidas pelo estado.

²⁷ A “Passarela do Samba” envolve inclui a Rua Frei Mariano e a Avenida General Rondon até a Rua Major Gama, no centro de Corumbá.

coque sob o mesmo tecido estampado que cobria o corpo, não restava dúvida: ela era uma onça pintada na avenida.

Ela puxava um estandarte que, de um lado, onde ela se posicionava, via-se um sol iluminado, do outro, um rosto de uma onça pintado. Esse elemento alegórico tinha aproximadamente três metros de altura, era em formato circular, com toda a borda repleta de plumas verdes, sinal de glamour durante o carnaval no Brasil. Ela, sozinha, em destaque no chão, o conduzia, sempre como se ele formasse uma espécie de costeiro, com rodinhas, quase acoplado a sua fantasia. Os gritos, aplausos e sorrisos vinham dos dois lados da rua, tanto da “sociedade” no alto do camarote, que a aplaudia de pé, como da “comunidade”, na arquibancada popular onde eu me encontrava. O macacão agarrado ao corpo não tinha nenhum decote, deixando a mostra apenas o rosto e as mãos, marcando a sua cintura feminina e os peitos. Ela era uma das foliãs mais fotografadas da noite.

O carnaval em Corumbá é um dos eventos, em relação aos citados aqui no início desse artigo, que mais tem público. É também o que mais reúne efeminados/as, em suas diferentes fases de realização. Ele também é, pelas minhas observações, o que mais atrai bolivianos/as à cidade.

A visibilidade das/os efeminados/as em Corumbá, e a ideia de ser uma cidade sem preconceitos/violência está em oposição a interpretações sobre o “outro lado”. Para alguns interlocutores/as, não haveria “efeminadas/os” bolivianas/os na região: “Aqui nós fazemos fronteira com os índios, não há, não tem nada lá, só índios, roupas, coisa pra comprar mesmo”²⁸. A frase “Lá não tem gay” também apareceu algumas vezes em campo.

Com minha insistência em querer saber das/os interlocutoras/os brasileiras/os sobre o outro lado da fronteira, um disse-me em relação ao país vizinho: “Aqui na fronteira não tem gay não, nunca vi, só lá em Santa Cruz”²⁹.

“Fronteira” aqui aparece como em outro estudo, nomeando o lado do país vizinho (COSTA, 2013). É como se a fronteira tivesse apenas o lado do “Outro”. Portanto, certa invisibilidade “estratégica” caracteriza parte do discurso sobre o “Outro” quando se trata de gêneros dissidentes e sexualidades disparatadas. Utilizo “estratégica”

²⁸ Sobre o imaginário da fronteira por moradores jovens de Corumbá, Edgar Ap. da Costa (2013) desenvolve um estudo que aponta para dados duais em relação à fronteira (leia-se “a cidade vizinha”), isto é, ainda que suja, desorganizada, perigosa, feia, também um espaço para compras, lazer e trocas culturais.

²⁹ Santa Cruz, na Bolívia, está distante aproximadamente 400 km de Corumbá, e possui mais de 1.700.000 habitantes, segundo o site Wikipedia. Durante uma rápida visita, pude perceber que além de organizações da sociedade civil e do movimento social da diversidade sexual, nesta cidade também há sauna e boate voltada ao público gay.

aqui no sentido do que esta invisibilidade possibilita nos termos da produção de diferenças, não necessariamente consciente e calculada, mas como altamente produtora de significados nos contextos das relações de poder local, isto é, caracteriza um tipo de regime de visibilidade.

Por exemplo, a questão de existir “só índios”, de “não ter nada lá”, de ter gays somente na populosa Santa Cruz pode ser lida como se os vizinhos bolivianos da fronteira fossem “preconceituosos”, neste caso, em termos das práticas de gêneros dissidentes e sexualidades disparatadas, em contraposição a Corumbá, que é o Rio de Janeiro.

Contrariando essas avaliações, pude manter contato através da sala UOL Corumbá, e depois do Facebook, com uma travesti de Puerto Quijarro. Através das redes sociais e de esparsos encontros em Corumbá, pude ter contato com parte da rede de sociabilidade dela, das duas cidades bolivianas, formada também por outras travestis e “efeminadas” de lá. Além disso, segundo matéria jornalística, no ano de 2012, foi realizado o quarto “Miss Pantanal Gay”, com participação, pela segunda vez, de representantes das cidades bolivianas de Puerto Quijarro e Puerto Suárez³⁰. Segundo a mesma fonte, o organizador do desfile afirmou que isso mostra uma integração entre os povos que vivem nessa faixa fronteira.

Das performances protéticas pantaneiras – a título de considerações preliminares

Considerando o que afirma Judith Butler (2003), “o gênero é sempre um feito, ainda que não seja obra de um sujeito tido como pré-existente à obra (p. 48)”. Dito de outro modo, ele é um “estilo corporal, um ‘ato’, por assim dizer, que tanto é intencional como performativo, onde ‘performativo’ sugere uma construção dramática e contingente do sentido (p. 199)”.

No entanto, a performance de gênero se dá também por elementos que estão além do ato reiterado em si, como, por exemplo, as diferentes tecnologias (PRECIADO, 2018). Parte destas tecnologias são protéticas. Penso prótese de gênero não como sendo essência, mas como trânsito. É um efeito múltiplo e não tem uma origem única (PRECIADO, 2002). Isso corrobora o quanto “a prótese é um acontecimento de incorporação”, como tantas outras zonas de produção do gênero. “Historicamente, é a única forma de ‘ser

³⁰ Mais informações disponíveis em: <<http://www.diarionline.com.br/index.php?s=noticia&id=42694>>
Acessado em: 09 nov. 2018.

corpo' em nossas sociedades pós-industriais. A prótese não é abstrata, não existe se não aqui e agora, para este corpo e neste contexto (Idem, p. 168)".

Nesse sentido, a sucuri e a onça pintada são próteses de gênero nas experiências de Vânia, e na minha também, transformado em "oncinha" na cadeira do salão de beleza dessa interlocutora. A nova gramática, ainda em formas expressionistas, permite-me refletir em termos de performance e prótese via uma torção dos conceitos de "performance de gênero" e "prótese de gênero".

Como apresentado, com a espetacularização da natureza no Pantanal, esses animais fazem parte da cultura local de um modo bastante importante, não apenas como objeto de desejo e curiosidade, mas, às vezes, como ameaça e temor. Há um processo protético e performático dessa interlocutora com esses animais, que implica no reconhecimento dela, tanto diante da "comunidade", quando apresentou-se com a sucuri/risível, como da "sociedade" quando fantasiou-se de onça pintada/chique.

Nesse sentido, o reconhecimento é algo que se dá necessariamente por um caminho comum entre histórias singulares, e esse caminho o coloca em circulação (BUTLER, 2007). Isso porque "o reconhecimento é uma relação intersubjetiva, e, para um indivíduo reconhecer o outro, ele tem que recorrer a campos existentes de inteligibilidade" (BUTLER, 2010, p. 168). Nada mais inteligível na fronteira pantaneira do que uma onça pintada e uma sucuri no corpo de uma travesti (efeminada).

Esse regime de visibilidade via a experiência de travestilidade discutida nesse artigo, nos termos aqui apresentado, torna-se ainda mais significativo em um contexto em que o trabalho de campo mostrou que, diferente do olhar "nativo", parte da cidade é preconceituosa e violenta com travestis e outros/as efeminados/as. Por exemplo, no próprio cartaz do amistoso, que chamava a população para ir assistir e torcer para um dos times em campo, lê-se: "A festa da alegria contra o preconceito". Algumas manchetes também denunciavam esse clima de violência na cidade: "Travesti de 29 anos é assassinado com facada no pescoço"³¹ e "Após assumir namoro com travesti, homem é agredido no

³¹ Disponível em: <<http://www.correiadoestado.com.br/noticias/travesti-de-29-anos-e-assassinado-com-facada-no-pescoco/193917/>>. Acessado em: 05 nov. 2018.

centro de Corumbá”³², “Parada da Cidadania e Show da Diversidade reforçam combate à homofobia”³³, entre outras.

Vânia, nesse contexto, a partir da onça pintada e da sucuri, apresenta uma possibilidade de agenciamento em prol do reconhecimento. A agência diz respeito às “possibilidades no que se refere à capacidade de agir, mediada cultural e socialmente” (PISCITELLI, 2008, p. 267). Há, portanto relação direta com as relações de poder, com o que é visível e aceitável na vida cotidiana, isto é, com os regimes de visibilidade. Isso ocorre, como discutido aqui, diante de vários elementos de identificação e diferenciação no contexto fronteiro pantaneiro, como os dois animais em questão. Ela incorpora esses elementos como espécies de próteses de gênero tipicamente nacionais, indo além de um farmacopoder transnacional (PRECIADO, 2018). No entanto, como já dito, não adianta simplesmente aplicar teorias não produzidas a partir dessa experiência de travestilidade pantaneira-fronteiriça, porque aqui há outras formas de subjetivação que não as estudadas pelos/as autores/as comumente usados.

Isto é, considerando a experiência de Vânia, mesmo em um contexto global de capitalismo farmacopornográfico³⁴, o seu processo de reconhecimento se dá não dependendo exclusivamente dos suportes técnicos, farmacêuticos e midiáticos desse tipo de capitalismo, isto é, há invenções e formas de agir a serem entendidas via outras epistemologias. Por exemplo, por meio de experiências protéticas de elementos não passivos, mas múltiplos, híbridos, ativos. Inclusive, capazes de gerar performatividade das suas ações, como é o caso da onça pintada provocando a performance protética de um peão marcando com garrafa de refrigerante (aqui pensada como prótese) o que seria o andar/pegada da onça no Pantanal, ou, ainda, de “provocar/confundir” a Biologia, como o fato de Rafaela ter procriado sem contato com um macho da sua espécie.

Vânia, de forma protética, nos termos aqui discutidos, juntamente com a performance feminina, materializa um corpo (BUTLER, 2001) travesti risível, mas não abjeto, merecedor de aplausos, nos dois eventos, e de públicos distintos. Soube usar dos códigos e valores da gramática local, das estratégias de gestão da visibilidade, tanto diante da “comunidade” como da “sociedade”, inclusive diante de um “Outro” tido como

³² Disponível em: <<http://www.capitalnews.com.br/policia/apos-assumir-namoro-com-travesti-homem-e-agredido-no-centro-de-corumba/277439>>. Acessado em: 10 jun. 2017.

³³ Disponível em: <<https://diarionline.com.br/?s=noticia&id=97198>>. Acessado em: 05 nov. 2018

³⁴ “[...] regime pós-industrial, global e midiático [...] O termo se refere aos processos de governo biomolecular (fármaco-) e semiótico-técnico (pornô) da subjetividade sexual, dos quais a Pílula e a Playboy são dois resultados paradigmáticos” (PRECIADO, 2018, p. 36).

menos valioso, estrangeiro. Afinal, para além dos animais, o carnaval e o futebol são marcas de nacionalidade. Eles, associados ao reconhecimento dos/as efeminados/as na cidade, via a participação das mesmas nessas atividades, no discurso dos interlocutoras/es, apresentam-se como uma diferenciação fronteiriça entre Brasil (sem preconceito) e a Bolívia (preconceituoso).

Eu ter virado “oncinha”, algo chique na visão de Vânia, durou pouco. Assim que ela terminou o serviço, e eu me vi no espelho sem o tecido estampado como pele de onça sobre o corpo, observei que ela havia feito um corte de cabelo que é habitualmente usual entre os guri (homens jovens e másculos de Corumbá), isto é, muito parecido com os jovens da Marinha. Antes de eu falar que tinha gostado do trabalho dela, me fez uma proposta inesperada: “Não conte para mais ninguém que você é gay aqui na cidade, até eu e você sairmos para dar uma volta no meu carro, só para passearmos nos bares, para as bichas ficarem morrendo de inveja de mim. Você ficou igualzinho aos guri aqui da cidade com esse corte”. A onça, como outras próteses, por ser contextual e histórica, assim como a sucuri, tem a capacidade performática, de nos efeminizar, como de nos masculinizar. Parte dessa capacidade tem relação direta com a vida e a movimentação dos próprios animais, não somente do nosso olhar cultural sobre eles, diferentemente de outras próteses não vivas.

Assim, é possível concluir que, mesmo em contextos de violência diante de experiências de gêneros dissidentes e sexualidades disparatadas, a diferença não necessariamente é um elemento depreciador (BRAH, 2006). Ao invés disso, serve para pensar as normas e convenções dos contextos fronteiriços de constituição de uma nacionalidade valorizada diante de um “outro” depreciado, assim como em performances protéticas tipicamente pantaneiras.

Referências Bibliográficas

BANDUCCI JÚNIOR, Álvaro. **A natureza do pantaneiro**: relações sociais e representação de mundo no “Pantanal da Nhecolânida”. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2007.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, 26, 2006. pp. 329-376. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30396.pdf>>. Acessado em: 09 nov. 2018.

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da realidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. Condição humana contra “natureza”. Diálogo com Adriana Cavarero. **Revista Estudos Feministas**. vol.15, n.3, 2007. pp. 650-662. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/381/38115309.pdf>>. Acessado em: 09 nov. 2018.

BUTLER, Judith. Conversando sobre psicanálise: entrevista com Judith Butler. Entrevista concedida a Patrícia Porchat Pereira da Silva Kunudsen. **Revista Estudos Feministas**. vol.18, n.1, 2010. pp. 161-170. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v18n1/v18n1a09.pdf>>. Acessado em: 09 nov. 2018.

COSTA, Edgar Aparecido da. Mobilidade e fronteira: as territorialidades dos jovens de Corumbá, Brasil. **Revista Transporte y Territorio**/9, 2013. pp. 65-86. Disponível em: <<http://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/rtt/article/view/304/282>>. Acessado em: 09 nov. 2018.

MINOIS, Georges. **História do Riso e do Escárnio**. São Paulo: Editora da UNESP, 2003.

MISKOLCI, Richard. Negociando visibilidades: segredo e desejo em relações homoeróticas masculinas criadas por mídias digitais. **Bagoas – Estudos gays, gêneros e sexualidades**, vol.8, nº11, pp.51-78, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/6543/5073>>. Acessado em: 09 nov. 2018.

PASSAMANI, Guilherme Rodrigues. **Batalha de Confete no "Mar de Xarayés"**: condutas homossexuais, envelhecimento e regimes de visibilidade [Tese]. Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, UNICMAP, 2015.

PELÚCIO, Larissa. Subalterno quem, cara pálida? Apontamentos às margens sobre pós-colonialismos, feminismos e estudos queer. **Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar**. São Carlos, v. 2, n. 2, jul-dez 2012, pp. 395-418. Disponível em:

<<http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/viewFile/89/54>>. Acessado em: 09 nov. 2018.

PEREIRA, Pedro Paulo. Queer nos trópicos. **Contemporânea** – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, v. 2, n. 2, jul-dez 2012, pp. 371-394. Disponível em: <<http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/88/53>>. Acessado em: 09 nov. 2018.

PISCITELLI, Adriana. Internseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**. vol.11, n. 2, 2008. pp. 263-274. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fchf/article/viewFile/5247/4295>.Acesso>. Acessado em: 09 nov. 2018.

POSSENTI, Sírio. **Os humores da língua**: análise linguística de piadas. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1998.

PRECIADO, Beatriz (Paul). **Manifesto contra-seuxal**. Madri, Opera Prima, 2002.

PRECIADO, Paul B. **Texto Junkie**: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: n-1 edições, 2018.

RIBEIRO, Mara Aline. **Entre cheias e vazantes**: a produção de geografias no Pantanal. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2015.

SÜSSEKIND, Felipe. **O rastro da onça**: etnografia de um projeto de conservação em fazendas de gado no Pantanal Sul. [Tese]. Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, UFRJ, 2010.

VENCATO, Anna Paula. Confusões e estereótipos: o ocultamento de diferenças na ênfase de semelhanças entre transgêneros. **Homossexualidade, sociedade, movimento e lutas**. Campinas: UNICAMP/IFCH/AEL, v.10, n.18, 2003, pp. 151-179. Disponível em: <<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ael/article/view/2513/1923>>. Acessado em: 09 nov. 2018.

